

A INFLUÊNCIA DO *FAIT DIVERS* NAS POSTAGENS COLABORATIVAS DO YOUTUBE QUE MIGRAM PARA “CICLO DO JORNALISMO INTEGRADO”

*Marcelli ALVES*⁴⁵

Resumo: Estudar as postagem colaborativa que são escolhidas para serem utilizadas em um telejornal de referência é um dos anseios do trabalho que elegeu como o corpus de pesquisa o site *youtube*, o telejornal, Jornal Nacional, e o site de notícias G1, disponível. Observa-se que um novo ciclo da notícia surge com o cibermeio utilizado em complementação à televisão, denominado aqui como “Ciclo do Jornalismo Integrado”. O referencial teórico está embasado nas teorias do newsmaking e a do gatekeeper, além da análise dos materiais serem feitas à luz da semiologia de Barthes, com ênfase no *Fait Divers*.

Palavras- chaves: Youtube. Jornal Nacional. G1. *Fait Divers*.

Abstract : Studying the collaborative post that are chosen to be used in a newscast reference is one of the desires of the work that elected him as the corpus search youtube site, news, National Journal, and the G1 news website available. Observe that a new cycle of news comes with the ciberway used to complement the television, called here as "Journalism integrated cycle". The theoretical framework is grounded in theories of newsmaking and the gatekeeper, and the analysis of the materials being made in the semiotics ligh of Barthes, emphasizing the *Fait Divers*.

Keywords: Youtube. National Journal. G1. *Fait Divers*.

⁴⁵ Jornalista, doutoranda em Comunicação pela UNB. Professora assistente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz. E-mail: alves.marcelli@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Muito tem se falado sobre o impacto das novas tecnologias no jornalismo. Várias possibilidades estão sendo apresentadas por estudiosos e novas terminologias também têm sido inseridas na área da comunicação. Este artigo trata sobre essas questões, já que propõe uma terminologia “Ciclo do Jornalismo Integrado” e surgiu depois de pesquisas relacionadas ao tema oriundas do grupo de pesquisa G Mídia – Grupo de Pesquisa de Mídia Jornalística e migrou para o processo de doutoramento, em andamento da UNB – Universidade de Brasília.

Mediante a tantas nomenclaturas que surgem a partir do processo de convergência depara-se com o estudo sobre a utilização do vídeo amador e o processo que o mesmo está vivendo atualmente. O trabalho investiga o site de compartilhamento de vídeos *youtube*, o telejornal Jornal Nacional – JN (Rede Globo) e o site de notícias ligado à Central Globo de produções, intitulado G1. Ou seja, a imagem bruta postada no *youtube* se transforma em telerreportagem e posteriormente em notícia no hipertexto no site G1 e retornando para o *youtube*, desta vez como notícia editada do Jornal Nacional (é importante dizer que o fluxo não é linear, o que é estático é a origem, sempre no *youtube* e o seu retorno também. Mas ela pode ir primeiro para o G1 – em formato de hipertexto – e depois para o Jornal Nacional, ou vice versa). Ou seja, o ciclo sempre começa e termina no *youtube*.

O motivo da escolha da rede de compartilhamento de vídeos *youtube* em detrimento de outras se fez em função da relevância da rede em questão. De acordo com Burgess, Jean (2009, p. 144) o *youtube* representa “uma apropriação normal, calma e embasada no discurso, no qual a mídia de massa é citada e recombina, em que a mídia caseira ganha acesso público”.

A pesquisa empírica permite a afirmação de que essa plataforma de compartilhamento de vídeos é um meio de o cidadão contribuir para o que anteriormente os autores chamavam de jornalismo colaborativo ou cidadão. Acredita-se que esse (jornalismo participativo ou cidadão) deixa o espaço, antes bastante explorado no ciberespaço, e vem também para a notícia aliada a imagem, na televisão. Em relação à terminologia em voga Dan Gillmor (2004) afirma que nomes como Jornalismo participativo e Jornalismo cidadão são sinônimos da idéia de intercâmbio entre quem

produz a notícia (jornalista) e quem consome (expectador). Sobre o assunto Manuel Castells (2006) afirma que faz parte da chamada era da informação:

É um período histórico caracterizado por uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias digitais de informação e comunicação, concomitante, mas não causadora, com a emergência de uma estrutura social em rede, em todos os âmbitos da atividade humana, e com a interdependência global desta atividade. (CASTELLS, 2006, p. 225).

No entanto, essa questão ganha força, rapidez e agilidade com a nova realidade tecnológica. A discussão é longa, alguns pesquisados temem que essa nova modalidade migre e passe a ser controlada demais. “Alguns veem um mundo sem *gatekeeper*, outro um mundo onde os *gatekeepers* têm um poder sem precedentes. Mais uma vez, a verdade está no meio termo”. (HENRY JENKINS, 2009, p 46). O *youtube* marcaria então uma nova fase da televisão?

A escolha do telejornal do canal aberto, Jornal Nacional, como corpus de estudo em questão junto com o site *youtube* e o G1 não foi ao acaso. Ele foi eleito em função ser apresentado por pesquisas de opiniões públicas como o primeiro lugar de audiência no horário nobre da televisão brasileira por anos consecutivos. Além disso, o telejornal em questão traz enraizada em sua história uma postura editorial oposta ao sensacionalismo. Por manter o seu critério em relação à qualidade da imagem o telejornal em questão também prima em relação a publicar apenas aquilo que estiver dentro dos padrões Globo de qualidade, previstos nos princípios editoriais das organizações Globo.

O portal de notícias G1 foi eleito por fazer parte da Central Globo de Televisão e utilizar com frequência textos e vídeos oriundos dos telejornais da rede Globo.

Exemplo do fluxo na imagem do vídeo amador quando as mesmas seguem a orientação do ciclo: redes sociais – televisão – site de notícias – redes sociais. Em um momento inicial, de forma empírica, inferimos que o fator determinante para que um vídeo pudesse migrar e entrar para o “Ciclo do Jornalismo Integrado” seria o número de acessos, no entanto, ao realizar as análises estatística percebeu-se que nem sempre isso é determinante para que o vídeo migre. Essa pergunta ainda está em busca de uma resposta pois faz parte do estudo, em andamento, do projeto de doutoramento da pesquisadora.

É importante ressaltar que os vídeos que alimentam o site youtube e que ganham notoriedade por meio da televisão registram fatos que poderiam permanecer no anonimato não fossem às novas tecnologias. No entanto, os vídeos amadores não são materiais jornalísticos, mas sim, produtores que servem para alimentar o jornalismo.

2. O “CICLO DO JORNALISMO INTEGRADO” E AS TERMOLOGIAS

Novas modalidades de comunicação e também termos surgem com a velocidade nas quais as transformações oriundas dos impactos tecnológicos influenciam no dia a dia dos seres comunicantes. Uma das expressões em voga é o termo “líquido” para relacionar com as novas formas da comunicação. Segundo Lúcia Santaella (2007, p. 34) a metáfora do líquido representa que no atual momento tudo está em permanente estado de “desmontagem”, sem nenhuma perspectiva de permanência. “Já não há lugar, nenhum ponto de gravidade de antemão garantido para qualquer linguagem, pois todas entram na dança das instabilidades. Texto, imagem e som já não são o que costumavam ser.”

Anelise Rublescki (2011), também discute a termologia e desenvolve o termo “Jornalismo líquido”. Para ela, a termologia está relacionada à reconfiguração do jornalismo a uma nova ecologia midiática, a partir da cultura da convergência. Sabe-se que a termologia, em diversas perspectivas, vem sendo estudada desde a década de 1970. Sobre este assunto Jenkins (2009) é claro:

[...] um serviço que no passado era oferecido por um único meio – seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia – agora pode ser oferecido de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação um a um que existia entre um meio de comunicação e seu uso está se corroendo. (JENKINS, 2009, p. 37)

Percebe-se que diferentes níveis midiáticos possibilitam a atuação de forma complementar. Alex Primo (2008) discorre sobre três níveis midiáticos propostos por Thornton (1996 apud PRIMO 2008): mídia de massa, mídia de nicho e micromídia. A interconexão entre os três níveis midiáticos é chamada pelo autor de “encadeamento midiático.”

Ainda sobre as termologias adotadas na tentativa de explicar os novos acontecimentos recorre-se a Thais de Mendonça Jorge (2007). A autora traz o termo mutação da biologia para o campo comunicacional. No seu argumento, Jorge (2007)

justifica que a notícia passou por toda trajetória de organismo vivo, transformou-se mais uma vez e passou a assumir novos formatos, em discussão específica o hipertexto.

Em relação à trajetória do jornalismo na Internet percebe-se que várias etapas já surgiram. Estudos embasados em autores nacionais como Suzana Barbosa (2007), Elias Machado (2008), Luciana Mielniczuk (2001 e 2003) e Vilson Santi (2009) classificam a evolução do webjornalismo em fases que ficaram assim conhecidas: webjornalismo de primeira, segunda, terceira chegando à quarta geração. As gerações eram analisadas por meio de metáforas. Quando surgiu a quarta geração muitos acreditavam que seria a última fase, pois sugere, entre outros, o desenvolvimento de sistema de gestão de conteúdos mais complexos e baseados em softwares e linguagens de programação com padrão open source. No entanto, Fabiane Grossmann e Mielniczuk (2010) instigam a reflexão sobre o surgimento da quinta geração do webjornalismo. As autoras afirmam:

Uma quinta geração de webjornais será possível quando suas interfaces passem a ser pensadas não apenas em termos de metáforas, mas principalmente elaboradas a partir de estratégias comunicacionais. Tal visão propõe que se dê um passo adiante na questão do pensar as estratégias para a elaboração da interface, porque não basta ao webjornal estabelecer estratégias naquele sentido institucional, empresarial, conhecido como planejamento estratégico. É necessário que sejam também pensadas as estratégias comunicacionais constituintes das interfaces gráficas, uma vez que serão estas que irão atender aos objetivos comunicacionais do referido formato de jornal: atrair, conquistar o leitor ou um novo leitor. (GROSSMANN E MIELNICZUK, 2010, P. 01)

Ainda relacionada ao jornalismo na internet, Gabriela Zago (2011) explora uma nova concepção em se tratando da circulação da informação nas redes sociais. A autora sugere o termo ‘recirculação’ e parte do princípio de que um mesmo indivíduo pode consumir uma informação e fazê-la circular. Ou seja, ao consumir, é possível se apropriar da informação, transformá-la em um novo enunciado e fazê-la recircular.

2.1 A relação do “Ciclo do Jornalismo Integrado” com as teorias da Comunicação

A teoria do *newsmaking* inclui em seus estudos, principalmente, a forma em que se desenvolve o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, além das etapas da produção informacional, em se tratando tanto do nível de captação até a sua distribuição. Segundo Mauro Wolff (2005), trata-se de um estudo ligado à sociologia das profissões, no caso o jornalismo. O autor afirma que ao estudar a terminologia do

newsmaking faz-se necessário o entendimento do termo *gatekeeper* no processo de produção da informação. Ele é utilizado na tentativa de entender as escolhas dos critérios de noticiabilidade, ou seja, ele se justifica quando faz um comparativo entre a terminologia *gate* (que significa portões em inglês) e a aproxima do processo de produção da notícia. O autor diz que o fluxo de notícias precisa passar por diversos *gates* (portões) que na prática seriam as decisões tomadas pelo jornalista. Ou seja, o *gatekeeper* precisa decidir se vai escolher determinada notícia ou não. “Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”, se não for a sua progressão é impedida, o que na prática significa “morte” porque significa que a notícia não será publicada” (WOLFF, 2005, p. 150).

Os jornalistas na qualidade de editores passam a ser chamado de *gatekeeping*. Para encontrar justificativa ao termo, Wolff (2005) recorre a outros teóricos:

Com o advento do jornalismo on line e as constantes discussões sobre o jornalismo colaborativo que o mesmo proporciona veio à tona um novo termo, o *gatewatching*, modelo que passou a existir com o advento da Internet. Esse é discutido como oposição ao *gatekeeper*. Axel Bruns (2005) diz que o *gatekeeper* está em extinção. Para ele, o processo se inverteu e o leitor, telespectador ou ouvinte se transformou em *gatewatcher* da informação. João Canavilhas (2010) apresenta um pensamento similar:

Para além dos próprios media utilizarem estes canais, os leitores chamaram a si esta atividade, funcionando como uma espécie de novo gatekeepers que comentam e selecionam as notícias mais interessantes para os seus amigos (facebook) ou seguidores (Twitter). (CANAVILHAS, 2010, p. 3).

Sabe-se que existem normas profissionais que encabeçam a seleção da informação. Pierre Bordieu (1996, p. 25) diz que "os jornalistas têm óculos especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado". Nelson Traquina (2005) concorda com o autor e atribui a esses “óculos” os valores notícias e os dividem.

Servem de “óculos” para ver o mundo e para o construir. Sublinhamos, como o historiador Mitchell Stephens, as “qualidades duradouras” do que é notícia ao longo do tempo: o insólito, o extraordinário, o catastrófico, a guerra, a violência, a morte, a celebridade. Mas os valores notícia não são imutáveis, com mudanças de uma época histórica para outra, com

destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais. (TRAQUINA, 2005, p. 95)

Para o autor os valores-notícia são divididos entre os de construção e os de seleção. Traquina (2005) diz ainda que os critérios de seleção são subjetivos e estão relacionados à avaliação dos fatos de acordo com a sua importância, ele os define da seguinte maneira: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito ou controvérsia, infração e escândalo. Os valores-notícia eleitos pelo autor como critérios contextuais são: disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso.

2.2 A influência do *Fait Divers* nos valores notícias dos vídeos amadores

Sabe-se que o estudo da comunicação contemporânea sofre a influência de vários pensadores franceses. Um dos pensamentos adotados nesse trabalho é oriundo do francês Roland Barthes que encabeça o campo da semiologia (estudos de todos os sistemas de signos). Foi Barthes também o precursor nos estudos do *Fait Divers*, termologia que está relacionado à imprensa sensacionalista:

Muitas vezes, o rótulo sensacionalista está ligado aos jornais e programas que privilegiam a cobertura de violência. Entretanto, o sensacionalismo pode ocorrer de várias maneiras. É possível afirmar que todo o jornal é sensacionalista, pois busca prender o leitor para ser lido, e consequentemente, alcançar uma boa tiragem. (AMARAL, 2006, p. 20)

Danilo Angrimani (1995, p.16) define o sensacionalismo como o produto que visa “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.” O autor, enfatiza que ao enquadrar um veículo nessa denominação automaticamente se está afastando de mídias conhecidas como ‘sérias’.

Barthes (1971 p.263) caracteriza o *Fait Divers* com o seu sentido aterrorizante “análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em resumo anônimos”. O autor complementa afirmando que existem dois tipos de *Fait Divers*: o da causalidade e o da coincidência. Para o autor a causalidade está sempre vinculada a um absurdo, a narrativa sempre segue a desproporção entre o efeito e a causa. Já a coincidência é ressaltada pelo autor: “leva sempre a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdade que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo” (BARTHES, 1966, p.194). De forma geral, o *Fait Divers* não trata de assuntos oficiais,

mas, sim, de drama de pessoas comuns. Dessa forma, faz com que o leitor se reconheça nas histórias que de maneira geral poderia ser sua.

Barthes (1971) subdivide as categorias do *Fait Divers*. Em relação ao da causa esperada o autor a desmembra em causa perturbada e causa esperada. O autor simplifica dizendo que a causa perturbada é quando se desconhece ou não é possível precisar a causa de tal fato e ainda, quando uma pequena causa provoca um grande efeito. “Causa perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito; Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos — criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971, p. 276-271).

Em relação à causa esperada Barthes (1971) explica que se dá quando a causa é corriqueira considerada normal e normalmente explora personagens dramáticos que podem proporcionar comoção. De forma geral envolve crianças, mães ou idosos. Em se tratando do *Fait Divers* da coincidência o autor o divide em da repetição e o da antítese. A repetição é tratada quando uma informação acontece de forma repetida e leva o receptor a supor causa desconhecidas, que acontecem em aspectos diferentes. A antítese ocorre quando se assemelham dois termos de qualidade distante, ou seja, ela une dois termos opostos, e consegue estabelecer a fusão de dois percursos diferente em um único. Uma de suas formas de expressão é o cúmulo (a má sorte), figura da Tragédia Grega.

Partindo desse princípio e relacionando o mesmo com vídeos amadores que ganharam espaço no Jornal Nacional e passaram a fazer parte do que denominamos de “ciclo do jornalismo integrado”, percebe-se em várias postagens a presença do *Fait Divers*.

2.3 A análise do *Fait Divers* no vídeo amador

Essa pesquisa realizou análises empíricas em semanas dos anos de 2011, 2012 e 2013. Nesse período foram observados o telejornal intitulado Jornal Nacional, a plataforma e compartilhamento de vídeos na internet, *youtube*, e o site de notícias G1. A intenção foi identificar as imagens oriundas do *youtube*, a sua migração para a televisão, a transformação em hiperlink e o seu retorno como vídeo de telejornalismo na plataforma de origem.

Os critérios estipulados pela análise levaram em consideração a identificação do vídeo amador e as características comuns entre eles, separando as amostras de forma intencional. As semanas eleitas para análise foram escolhidas como recorte em função de que após a análise anual dos materiais as respectivas datas apresentam vídeo amador. (2011 – 14 a 22 de Dezembro - 2012 – 10 a 18 de Janeiro e 25 a 31 de Julho - 2013 – 28 de janeiro a 01 de Fevereiro, 07 a 14 de Julho)

Após a realização da análise empírica do material percebeu-se que a presença do vídeo amador não é constante, ou seja, ele não acontece em todas as semanas. No entanto, atentou-se também que grande parte deles apresenta características semelhantes em relação à presença do *Fait Divers*.

Partindo para análise estatística o resultado sobre a presença do vídeo amador durante a semana é alterado de acordo com o fato. Por exemplo, assuntos de pequena repercussão, não são explorados em outras edições, portanto, a busca por novos vídeos ou a utilização do mesmo limita-se a apenas uma entrada. Diferente de fatos que ganham repercussões mais acirradas. Começaremos com a análise de um vídeo que após ser postado no *youtube* ganhou repercussão significativa. Na postagem, a imagem de uma enfermeira chamada Camila Corrêa Alves de Moura Araújo dos Santos chutava e jogava um cão da raça yorkshire no chão. Após a agressão o cão morreu. A atitude da enfermeira foi feita na frente da sua filha, uma criança de aparentemente três anos. Esse material foi utilizado por três vezes na cobertura do Jornal Nacional. O fato aconteceu no ano de 2011.

No ano de 2012, nas semanas elencadas, foram encontradas duas postagens com a utilização de vídeos amadores. A primeira trata de uma suposta agressão de Policiais Militares a um estudante da Universidade de São Paulo – USP, no campus da instituição. Vídeos postados no *youtube* e explorados no Jornal Nacional mostravam a agressão que ocorreu durante a desocupação de um espaço que era usado pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), esse material foi utilizado por duas vezes na semana. A outra postagem relacionada ao ano de 2012 fala da investigação de um policial por ter realizado um disparo durante um sequestro relâmpago na cidade do Rio de Janeiro. O material relata que uma mulher foi sequestrada na porta de uma escola a polícia foi chamada e encontrou os bandidos. Um deles foi baleado. A polícia diz que o infrator tinha reagido, mas as imagens evidenciavam que no momento do disparo o assaltante

não esboçava nenhuma reação. Ainda na reportagem o Secretário de Segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, afirmou que os policiais seriam submetidos a processo de expulsão sumária.

Após a descrição dos materiais analisados é notório que a agressão, a morte, a infração a lei e a violência estão presentes em todas as postagens descritas. Esses itens corroboram para inferir que os mesmos contêm componentes do *Fait Divers*.

Nos jornais não-sensacionalistas há sempre uma carga intensa de violência que não se revela, que não se escancara com a mesma intensidade encontrada nos jornais a sensação. Mas é uma violência disfarçada (ANGRIMANI, 1995, p. 57)

A sequência dos materiais analisa semanas do ano de 2013. A primeira a ser contemplada refere-se ao assassinato do Mc Daleste. O Mc foi assassinado durante um show que realizava. O que ilustrou o material foram as imagens de celulares de fãs postadas no *youtube* e mostravam o momento em que ele foi atingido. Após a divulgação da morte outras imagens foram postadas, uma delas serviu para a polícia realizar a investigação, na busca de conseguir diagnosticar de onde o tiro tinha sido disparado. A análise das imagens pela polícia foi acompanhada pelo Jornal Nacional. Sobre essa situação recorre-se a José Arbex (2001, p. 52) quando o autor diz “O que importa nos atuais programas de telejornalismo, é o impacto da imagem, assim como o ritmo de sua transmissão”. Essa mesma linha de pensamento pode ser aplicada relativa às imagens que serviram para a cobertura de um fato que explorava que a disputa pela direção de sindicatos terminava com tiros em São Paulo. “Onde há morte, há jornalistas” (TRAQUINA, 2005, p. 79) e complementa “a morte é um valor-notícia fundamental para essa comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal” (Idem, p.79).

Na sequência da análise tem-se o fato de um avião bimotor que caiu logo após a decolagem em Manaus. As imagens de um cinegrafista amador que acompanhava o momento da queda foram postadas no *youtube* e utilizadas pelo Jornal Nacional. Notícia que evidencia a tragédia, assunto constante no *Fait Divers*. Fato semelhante na cobertura da notícia relacionada ao fato do acidente de balão que deixou três brasileiros mortos e oito feridos na Turquia.

Imagens de violência também são evidenciadas na cobertura de quatro outros casos de materiais analisados. Um deles, fala sobre os depoimentos de PM's que contradizem as informações da polícia sobre a prisão de estudante em protesto e a outra é relacionada a manchete de que um rapaz morre baleado em feira agropecuária em Goiânia. Ambos os materiais evidenciam imagens de cinegrafista amadores que respaldam a informação sobre o assunto. Marilena Chauí (1999) define violência como um ato de brutalidade. Para ela é a sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações subjetivas definidas pela opressão e intimidação e complementadas pelo medo do terror. A autora vai além quando se refere a imagem do mal. Para ela são imagens relacionadas ao espetáculo que causam indignação e compaixão e acalmam a consciência.

O outro material analisado, relativo ao ano de 2013, relata um incêndio em uma boate com o nome kiss localizada na cidade do interior do Rio Grande do Sul, Santa Maria. O fato que ficou conhecido também como tragédia de Santa Maria teve um número de 242 mortos. Na cobertura desse fato foi utilizada com frequência a utilização de imagens postadas no youtube. Cobertura que evidencia o *Fait Divers* de Barthes (1971) quando se refere à superexploração do trágico, da morte, da dor. Barthes (1971) A definição leva a um paralelo com o pensamento de Barthes (1971) quando o mesmo refere-se a condição de sujeito que para o autor é conflituosa e muitas vezes trazida pelo *Fait Divers*. O autor justifica que é um efeito em nível de consciência mantidas pelo inconsciente por meio da qual o telespectador se reconhece e vive aquilo como se fosse seu.

Outros dois seguem a mesma ótica de observação. Um deles trata da depredação da prefeitura contra o aumento da passagem de ônibus no Rio Grande do Sul e o outro explora a chacina em São Paulo que acabou por deixar sete pessoas feridas.

Para complementar o assunto mais uma vez recorre-se a Barthes (1971) quando o autor explica que o *Fait Divers* trabalha com um sistema de significação subjetivo, ou seja, ele denota a factualidade presente ao mesmo tempo que conota o conflito. O *Fait Divers* representa uma interpelação narcísica com o receptor que o identifica de forma projetiva os seus conflitos inconscientes comparando-os com os conflitos da informação.

Os outros dois materiais analisados são os relativos ao incêndio na boate kiss e a outra sobre a denúncia da defesa dos direitos humanos sobre o massacre de mais de 65 pessoas na Síria. O primeiro assunto é relativo a um incêndio que aconteceu em uma boate com o nome kiss localizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, chamada Santa Maria. O fato que ficou conhecido também como tragédia de Santa Maria teve um número de 242 mortos. A maioria jovens estudantes da Universidade Federal da cidade. Na cobertura desse fato foi utilizada com frequência a utilização de imagens postadas no youtube. As imagens mostravam o momento do incêndio, o desespero das pessoas frente ao grande número de corpos espalhados pelo chão. As imagens exploravam o choro, o desespero das pessoas no momento do resgate. Cobertura que evidencia o *Fait Divers* de Barthes (1971) quando se refere à superexploração do trágico, da morte, da dor. Neste caso, enaltecidas pelas imagens do vídeo amador. Item que não foge a regra também na cobertura do caso do massacre na Síria, o vídeo amador permitiu trazer para dentro da casa das pessoas a imagem em movimento que retratava a tragédia, ingrediente inseparável do *Fait Divers*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É antigo o estudo que tenta encontrar uma resposta para o motivo que leva as pessoas ficarem fascinadas pela televisão. Poder integrar parte da notícia e ser contemplado em um telejornal de referência é anseio de muitos. Conseguir transformar o seu produto em notícia é fruto de trabalhos especializados, um exemplo são as assessorias, tanto de comunicação quanto de imprensa. Porém, às novas tecnologias trouxeram avanços diversos e consequentemente impactaram o comportamento das pessoas pois, notoriamente, com ela veio a possibilidade, tanto de estar com um celular na mão no momento do acontecimento de um fato e poder registrá-lo, quanto, também, a oportunidade de poder disponibilizar a imagem para o mundo por meio da Internet.

Esse fenômeno também é objeto de estudos de diversos teóricos. No entanto, percebeu-se por meio de análise, tanto empírica quanto teórica, que essa filtragem de materiais que passaram a estar disponíveis na rede mundial de computadores a todo momento não é tarefa singela, uma vez que o número de colaborações é significativa. Buscar entender as semelhanças entre elas foi o anseio principal que auxiliou no início desse estudo.

Sabe-se também que a notícia tem se transformado com o decorrer do tempo. Conforme Jorge (2007) ela passou por um processo de mutação. No entanto, verificou-se que o ciclo da notícia também sofreu alteração (aqui em especial as que utilizam o vídeo amador). Anterior as redes sociais é sabido que uma notícia de telejornal era disponibilizada apenas em uma mídia específica (televisão) podendo ser desmembrada no dia seguinte no jornal impresso, apenas como texto que podia descrevê-la e no máximo uma foto. Com o advento da Internet e a implantação dos sites de notícias esse ciclo começou a ser alterado. Ou seja, uma reportagem utilizada em um telejornal passou a poder integrar também um site de notícias, uma das modalidades do hipertexto, considerado por alguns autores como “textos entre nós”.

Porém, o que se conclui aqui é que com a rede de compartilhamento de vídeos *youtube* um novo ciclo passou a ser evidenciado. Para referendar o trabalho foram feitas análises em semanas nos anos de 2011, 2012 e 2013. A maior parte da análise está concentrada no ano de 2013. A intenção foi averiguar o telejornal intitulado Jornal Nacional para encontrar o uso do vídeo amador retirados da rede de compartilhamento de vídeos *youtube*. O que se atestou é que todos os vídeos amadores que foram encontrados advindos do *youtube* migravam para o site de notícias G1, veículo também ligado a central Globo de Jornalismo. A constatação também é que depois dessa migração o material editado volta para o *youtube*, mas dessa vez como reportagem do telejornal editado. Foi notado também que a ordem não é seguida em todas as postagens, por exemplo, se um vídeo é postado pela manhã, ele é utilizado no hipertexto do G1 e a noite se transforma em reportagem no Jornal Nacional, retornando em seguida para o *youtube*.

Todas as notícias analisadas foram observadas a partir do ciclo: *youtube*, Jornal Nacional, G1 e *youtube* ou *youtube*, G1, Jornal Nacional, *youtube*. O que se afirma é que todas as postagens estudadas foram oriundas do *youtube* e retornaram para ele quando se transformaram em matérias do Jornal Nacional.

Na busca ainda por respostas as semelhanças entres ambos constatou-se que todos contem ingredientes encontrados na definição de Barthes (1971) quando ele fala sobre o *Fait Divers*. Embora ingrediente inseparável da imprensa sensacionalista ele é componente também dos vídeos amadores que ganham destaque em um telejornal de

referência e se sobressaem em relação a outras postagens no sentido de conseguir espaço na imprensa nacional.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

ARBEX Jr., José. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo**. 3. ed. São Paulo: Casa Amarela. 2001.

BARBOSA, S. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas – FACOM/UFBA, Bahia, 2007

BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. *Structure du fait divers, Essais critiques*. Paris: Seuil, 1966.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. **Número de acesso a internet**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php. Acesso em 20 de julho de 2013.

BRUNS, Axel. **Gatewatching: collaborative online news production**. Nova York: Peter.Lang, 2005.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro, 1996

BURGESS, Jean. **Youtube e a Revolução Digital : como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade** – São Paulo : Aleph, 2009.

CANAVILHAS, J. **Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático**. In: II Congreso Internacional Comunicación. 3.0. Anais. Espanha, 2010. <http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/061.pdf> acesso em 20 de agosto de 2013.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2006. *in* A era da informação: Economia, sociedade e cultura. 2006.

CHAUÍ, M. **Introdução à Filosofia**. Porto Alegre: Ed. Bertand Brasil, 1999

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media** . Lisboa: Editorial Presença, 2004.

GROSSMANN, Fabiane. MIELNICZUK Luciana. **Análise da usabilidade em seções interativas de webjornais: estudo de caso zerohora.com**. 10 Congresso Internacional de ergonomia e usabilidade de interfaces humano-computador. Anais. Rio de Janeiro. 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, Thaís de Mendonça. **A notícia em mutação: estudo sobre o relato noticioso no jornalismo digital**. 2007. 396 f. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

MACHADO, Elias, et.al. **O jornalismo digital no diario.com.br: modelos de produção de conteúdo no Diário Catarinense on-line**. Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), 2008.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001.

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: MACHADO, Elias, PALACIOS, Marcos. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003.

PRIMO, Alex. **Interney blogs como micromídia digital: elementos para o estudo do encadeamento midiático**. Contracampo (UFF), 2008.

RUBLECKI, Anelise. **Jornalismo líquido: mediação multinível e notícias em fluxos**. 2011. 260 f. Tese (Doutorado em comunicação) . Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS, 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007

SANTI, Vilson J. **O processo de apuração no web jornalismo de quarta geração.** ECO – pós, setembro de 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis : Insular, 2005.

TELEJORNALISMO. **Jornal Nacional.** Rio de Janeiro. Central Globo de Jornalismo. 20 a 30 de Setembro de 2010, 14 a 22 de dezembro de 2011, 10 a 18 de janeiro, 25 a 31 de julho de 2012, 05 a 10 de janeiro, 28 de janeiro a 01 de fevereiro, 25 a 29 de março, 18 a 21 de maio, 22 a 26 de julho e 08 a 15 de julho de 2013. Programa de TV.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

www.youtube.com.br. Acesso em: 20 a 30 de Setembro de 2010, 14 a 22 de dezembro de 2011, 10 a 18 de janeiro, 25 a 31 de julho de 2012, 05 a 10 de janeiro, 28 de janeiro a 01 de fevereiro, 25 a 29 de março, 18 a 21 de maio, 22 a 26 de julho e 08 a 15 de julho de 2013.

www.g1.com.br. Acesso em: 20 a 30 de Setembro de 2010, 14 a 22 de dezembro de 2011, 10 a 18 de janeiro, 25 a 31 de julho de 2012, 05 a 10 de janeiro, 28 de janeiro a 01 de fevereiro, 25 a 29 de março, 18 a 21 de maio, 22 a 26 de julho e 08 a 15 de julho de 2013.

ZAGO, Gabriela. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma ferramenta de potencialização da circulação.** Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de pós-graduação em comunicação e informação. Porto Alegre, 2011.